



LITERATURA E HISTÓRIA: METALINGUAGEM E AUTORITARISMO EM A FESTA, DE IVAN ÂNGELO

COLLARES, Paula Renata Lucas¹; CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹Acadêmica do curso de Letras – Português, da Universidade Federal de Pelotas; integrante do Projeto de pesquisa Literatura Brasileira Contemporânea: fluxos e influxos transtextuais.

paulacollares123@hotmail.com/ paulacol@pop.com.br

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Faculdade de Letras/FL/UFPEL; coordenador do Projeto de pesquisa. profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Otto Maria Carpeaux, na “Introdução” de sua *História da literatura ocidental* (1978), afirma que “*literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico que obedece ao seu próprio ritmo dialético*”. Ou seja, para o crítico, textos literários são criados *no* contexto histórico e não devem ser lidos como consequência do social, mas como constituídos, eles próprios, como fatos sociais e históricos. Tal assertiva pode ser lida, por outro lado, como a reafirmação do princípio da independência do texto literário face à realidade objetiva, já que, tanto para o escritor que busca construir sentido para a realidade que vive, por meio da representação estética do texto de ficção, como para o leitor instalado em um outro tempo histórico, literatura não recria a realidade, mas constrói realidades a partir dos sujeitos que a conformam. Assim, narrador e leitor, ambos comprometidos com o seu tempo histórico, sujeitos e actantes de e na História, serão sempre autores de histórias e de História. É preciso considerar, no entanto, para que a assertiva de Carpeaux repercuta de forma eficaz no exercício da leitura crítica para textos literários, que a mediação entre esses sujeitos, em sua relação com a realidade, o mundo objetivo, só se dá por meio de linguagem. E que linguagem, sendo *constructo* humano, é, no caso da literatura, construção estética pensada em sua essencialidade tanto para o narrador como para o leitor compromissado com o texto.

2. METODOLOGIA

É a partir da afirmativa de Carpeaux, portanto, e entendendo-a como diretriz para a leitura de textos de ficção literária, que busco ler *A festa*, romance de Ivan Ângelo que começou a ser escrito em 1965, mas que só foi concluído em 1975 e publicado em 1976. A gênese do texto, que compreende um período de dez anos, já diz muito de sua inserção em um tempo histórico e social: o Brasil da ditadura militar instalada em 1964 e que se estenderá até o momento que se convencionou chamar de “abertura política”, em 1979. É esse contexto histórico, tempo de exceção e arbitrariedade, que, leitor instalado que estou em pleno século XXI, em um país

agora sob o pleno domínio das práticas democráticas, devo recuperar e compreender tanto os fatos estéticos como os sócio-políticos para poder construir sentido com a leitura da história narrada em *A festa*.

Mesmo considerando-se que Literatura e História são ciências de campos do conhecimento distintos, é possível, metodologicamente, pensar em uma intersecção entre elas. Elas se entrecruzam na tentativa de refigurar o tempo vivido. Só que a História trabalha com a veracidade, e a literatura, com a verossimilhança. Para Mignolo (1993:138), *“a frase do romancista não precisa passar pelo teste da realidade, não precisa passar pelo teste da verificação, não precisa passar por nenhum teste convencional (...)”*. Tal assertiva pode ser aplicada na narrativa em questão, pois ainda que saibamos que ela foi escrita no contexto da ditadura militar, não precisamos comprovar fatos históricos para testar a validade dos fatos narrados. Eles valem por si só dentro da diegese, pela arquitetura desenvolvida pelo autor/narrador que sustenta a verossimilhança do texto ficcional. Por outro lado, no espaço desse entrecruzamento, ambas, Literatura e História, compartilham um espaço em comum, aquele que Carpeaux apontou como um espaço de convivência natural: o do tempo histórico e social com seu inexorável ritmo dialético.

É preciso considerar, desde logo, que *A Festa* circunscreve e constrói não só um período histórico, ideologicamente uniforme, mas a cena de um tempo social em que se digladiam várias ideologias. Para Bakhtin, *“a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é sempre ideológico. Não existe enunciado não-ideológico. Não há enunciado neutro”* (apud FARACO, 2003: 46). Dessa forma, como veremos, é na complexa arquitetura do texto literário que se evidenciará a natureza desses enunciados e a sua correspondente qualidade ideológica.

As reflexões de Carpeaux, Mignolo e Bakhtin são importantes para a leitura do texto de Ivan Ângelo, eis que as considero como sendo assertivas de grande relevância para a compreensão da natureza da narrativa literária. Primeiramente, porque literatura é fato estético construído em um momento histórico específico, mas não depende dele, e também porque nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores, e o sujeito, ao produzir um discurso, localiza-se social e historicamente. Na articulação das palavras e dos enunciados, há sempre discursos sociais. Com isso, *A Festa* aponta para distintas visões sociais e problematiza a natureza mesma dos discursos que as constroem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como sabemos, literatura se faz na construção de linguagem; literatura é desvio de linguagem. *A festa* é romance extremamente inovador e experimental, pois questiona a estrutura natural das narrativas em cuja linha tradicional se insere, por meio de uma construção seqüencial que joga com o modelo ficcional literário, subvertendo a lógica dos discursos realistas para apostar na opacidade de uma realidade que não se dá a ver facilmente. A estrutura textual resulta da montagem verbal de episódios ficcionais, atualização de narrativas intertextualizadas, inserção de monólogos independentes da diegese, deslocamentos parafrásicos, apropriação de recortes de notícias de jornal e depoimentos de personagens que deslocam o foco narrativo, possibilitando o manejo de recursos formais que determinam o caráter de inventividade e experimentalismo do livro, ao mesmo tempo em que firmam a sua condição de objeto estético original, de novidade inserida numa

tradição, a da própria arte de contar histórias por meio da linguagem verbal – condição mesma para a (im)possível conexão do homem com a objetividade.

Vejamos, pois, como se estrutura essa narrativa. O texto é dividido em nove partes denominadas: Documentário (sertão e cidade, 1970); Bodas de Pérola (amor dos anos 30); Andréa (garota dos anos 50); Corrupção (triângulo no ano 40); O Refúgio (insegurança, 1970); Lutas de Classe (vidinha, 1970); Preocupações (angústias, 1968); Antes da Festa (vítimas dos anos 60) e Depois da Festa (índice dos destinos). Para cada capítulo há, entre parênteses, uma explicação do que será trabalhado no texto.

Primeiramente, há a presença de um narrador em terceira pessoa, mas que constitui voz em primeira pessoa, quando cede voz aos personagens. É um narrador que atravessa várias temporalidades e é quem conduz o fio narrativo que liga as diversas histórias. Mesmo nas narrativas encontradas no romance, que apresentam diferentes enredos e personagens, é possível identificar uma voz que perpassa a maioria dos textos. Essa é a voz que organiza o discurso, matriz de linguagem e que fala de seu lugar histórico. Porém, o fato de esse narrador ceder voz para os personagens faz com que, muitas vezes, o leitor não consiga identificar o lócus dessa voz que narra.

Outra marca que faz com que o leitor sobreponha o real ao ficcional, é o tom testemunhal adotado na narrativa pelo escritor-personagem. Esse personagem pode ser confundido como um *alter ego* do próprio Ivan Ângelo. Pelos argumentos utilizados por ele, metalinguisticamente, é discutido o ato de narrar e a própria função da literatura em um período histórico tão truncado e turbulento como o da ditadura militar brasileira. Esse personagem-escritor vai se constituindo por meio de suas anotações, textos esparsos, fragmentados, estilhaços de um real não apreensível em sua totalidade. Mais um indício que faz com que se pense que o escritor-personagem é o mesmo autor de *A Festa*.

Manifesta o pensamento de uma geração de escritores quanto à função da literatura. Utilizando-se de metalinguagem, questiona o ato da criação literária e a organização interna de um romance. Esse escritor-personagem sabe, no entanto, que não pode ficar apartado dos fatos sociais, que é preciso dar conta deles.

A diversidade de personagens e as várias intervenções ou mudanças no foco narrativo constroem um texto extremamente fragmentado, característica reforçada pela descontinuidade temporal adotada pelo escritor. Temos, então, uma história não-linear, que dá diversas voltas no tempo, como se buscasse alternativas para uma continuidade que não se deixar alcançar. Nesses avanços e retornos temporais, nós conhecemos a vida de vários personagens. São histórias entrecortadas que se cruzam apenas pelas intervenções do narrador.

Essas múltiplas vozes intercaladas colocam o enunciado em xeque, visto que a situação é analisada de diferentes ângulos em que há interferências de fatos ocorridos nas décadas de 30, 40, 50, 60: ou seja, jornalistas, escritores, universitários, donas de casa, revolucionários, delegados, políticos, representantes das mais diversas classes e camadas sociais, encontraram-se na década de 70, a qual, pelas circunstâncias político-sociais, arruinou diferentes utopias e trajetórias pessoais.

O que mais intriga o leitor é o fato de que sejam narrados apenas o *antes* e o *depois* da “festa”, sendo que o *durante* não é narrado linearmente, existindo apenas nas formas referenciais entrecortadas e nos efeitos pós-festa. É preciso que o leitor monte os fragmentos. Fato surpreendente, no entanto, é o de que a realidade se torna quase inapreensível, visto que é praticamente impossível ligar os fatos do

segmento intitulado *Depois da festa* com os da parte anterior, *Antes da festa*, pois surgem vários personagens e informações novas. As informações não fecham com o que é articulado nas seqüências narrativas e nem produzem sentido para o leitor, já que se desencontram na diegese, tal como está articulada formalmente.

Em *Depois da festa*, Ivan Ângelo como que “conclui” a biografia psicológica de vários de seus personagens. Neste segmento, parece que a figura do narrador é muito mais autônoma que a do próprio escritor. Aqui, o escritor é fruto de um narrador, e não o contrário, como se sabe por meio dos preceitos da teoria literária.

O mais estranho, entretanto, no contexto desses estranhamentos formais, é que, ao invés de aparecerem informações a respeito da festa de 70, surgem informações do próximo aniversário, da próxima festa. Essa ausência de informações na diegese pode ser interpretada como metáfora da própria época em que as pessoas quase nada sabiam dos fatos, onde os discursos eram censurados. Em tempos de repressão pela censura, sendo impossível dominar o todo, o autor, para falar sobre o não-falável, ou seja, dizer o que quer dizer sem o dizer de forma direta e clara, lança mão dos recursos formais que a literatura lhe permite, como a utilização, até de forma exacerbada, de elipses textuais. Dessa forma, a narrativa da “festa”, ausente da estrutura ficcional, pode ser lida como um espaço histórico – em dois sentidos, o da ficção literária e o da realidade social do país – em branco, vivido em negro: a grande ausência da colorida festa social brasileira, no contexto de um país sob o domínio do autoritarismo.

4. CONCLUSÕES

Pode-se dizer que a fragmentação formal da obra está vinculada à desordem social do momento, ou seja, parece que as circunstâncias político-sociais contribuem para o surgimento da narrativa polifônica. Com isso, o contexto histórico em que a obra surge é determinante na definição de sua forma. Assim, por mais que a literatura não se articule em consequência do social, é inapreensível não considerar o momento histórico em que foi produzido o romance *A Festa*, já que isso irá influir não só no conteúdo da narrativa, como nos aspectos referentes à construção formal do texto, como, por exemplo, com relação às alternativas utilizadas por Ivan Ângelo: monólogo interior, fluxo de consciência, exacerbação da duração do corte temporal por meio de elipses, entre outras eficientes e criativas estratégias narrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÂNGELO, Ivan. **A festa**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1978.
- CARPEAUX, Otto Maria. Introdução, **História da literatura ocidental**, 2.ed.. Rio de Janeiro, Alhambra, 1978, vol. 1.
- FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: _____ **Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Paraná: Criar Edições, 2003.
- MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice versa. **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1993.

